



O ENVELHECIMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRÁTICA PROFISSIONAL: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CORPO E À SAÚDE*

Alan Camargo Silva**

Diego Costa Freitas***

Sílvia Maria Agatti Lüdorf****

Resumo: O objetivo da presente pesquisa, ainda em andamento, é analisar e discutir se (e com quais significados) a saúde emerge nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e sua prática profissional. Os primeiros dados foram obtidos por meio de 11 entrevistas semiestruturadas e interpretados pela análise de conteúdo. Detectou-se uma concepção de corpo ainda vista de maneira fragmentada e a saúde no sentido eminentemente biológica, que talvez possa ser adquirida apenas pela realização de exercícios físicos. Em menor grau, a qualidade de vida também emerge como objetivo central da prática dos professores nas fases de carreira analisadas.

INTRODUÇÃO

Estudar o corpo e a saúde na área de Educação Física significa considerar um conjunto complexo de referenciais teóricos que podem advir tanto da área biomédica como das Ciências Humanas e Sociais. Tratam-se, portanto, de noções construídas histórica e culturalmente que sustentam as representações dos professores de Educação Física.

Diante da marcante presença da saúde na Educação Física, e também, das diferentes conotações com que é apresentada, torna-se essencial estudar como o professor de Educação Física trabalha, apropria-se desse conceito, ou ainda, o aborda em sua prática profissional. O professor de Educação Física ao longo da carreira pode adotar conceitos, técnicas e/ou estratégias em suas práticas profissionais, que estariam relacionadas a perspectivas diferenciadas de saúde com o passar dos anos.

Cabe lembrar que o professor de Educação Física só foi reconhecido oficialmente como um profissional da área de saúde pelo Conselho Nacional de Saúde em 1997 com a Resolução de número 218/CNS/1997 (HADDAD *et al.*, 2006). No entanto, antes de tornar a profissão formalmente habilitada a realizar intervenções com a prática corporal voltada à saúde, deve estar claro como a saúde é concebida pelos próprios profissionais de Educação Física.

Dessa maneira, para investigar a atuação profissional docente é necessário levar em consideração principalmente em que fase da carreira que o professor se encontra

* Produção derivada do projeto de pesquisa: “O professor de Educação Física e o envelhecimento: corpo, saúde e (im)possibilidades profissionais”, contemplado com Auxílio APQ1 da FAPERJ.

** Mestrando em Educação Física – EEFD/UFRJ; Integrante do NESPEFE – EEFD/UFRJ.

*** Graduando em Educação Física – EEFD/UFRJ; Integrante do NESPEFE – EEFD/UFRJ.

**** Professora Adjunta da EEFD/UFRJ; Doutora em Educação; Coordenadora do NESPEFE – EEFD/UFRJ.



(HUBERMAN, 2007), pois, dependendo do momento da carreira do professor, as necessidades, as experiências e a forma como interpreta e dá significado à sua prática profissional geralmente são diferenciadas (FOLLE *et al.*, 2009).

Nesse contexto, uma das contribuições em investigar o processo de envelhecimento do professor de Educação Física em relação ao corpo e à saúde é tentar realizar uma análise mais cuidadosa (menos universal) ao tratar a carreira do professor de Educação Física, à medida que os conhecimentos e experiência acumulados podem influenciar e diversificar a intervenção profissional diferentemente daqueles que estão no início de carreira. Aproximar-se da lógica com que os professores de Educação Física ao envelhecerem elaboram, justificam e agem, facilita a compreensão das suas ações no/para o corpo e a saúde. Segundo Tardif e Raymond (2000), raros são os estudos que se preocupam com a relação entre os saberes do professor e a passagem dos anos na carreira docente.

O objetivo da presente pesquisa é analisar e discutir se (e com quais significados) a saúde emerge nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e sua prática profissional.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa ainda está em andamento, no entanto, para esta oportunidade, foram selecionados 11 professores (P1 a P11). O primeiro critério de seleção dos sujeitos foi ter graduação em Educação Física e que atuassem em escolas e/ou em academias, pois, geralmente, trabalham ou já trabalharam em mais de um local de atuação. Para a presente pesquisa, foram analisados professores na faixa etária entre 40 a 60 anos. Ademais, tal decisão propicia uma das finalidades da pesquisa qualitativa que é a ampliação do espectro de opiniões e realidades (GASKELL, 2003).

Outro critério para a seleção dos professores se refere à possibilidade de estarem atuando por volta de 15 a 25 anos no mercado de trabalho. Tal escolha é fundamentada em Huberman (2007), pois, no caso da presente pesquisa, os professores possuíam aproximadamente entre 20 e 25 anos de tempo formação, privilegiando o período entre 15 a 25 anos de tempo de formação, que corresponderia à fase denominada de Diversificação por ser um estágio de experimentação em todos os sentidos, questionamento da rotina profissional e/ou busca de atualização ou de inovação na docência, bem como a fase nomeada de Serenidade e Distanciamento, quando ocorre diminuição do investimento no trabalho e na ambição profissional.

A entrevista semiestruturada foi utilizada como instrumento de coleta de dados, pois oferece um espaço em que o participante pontue suas crenças, desejos, anseios, valores e perspectivas sobre esse assunto de maneira mais aprofundada (GASKELL, 2003).

A análise de dados foi realizada com base em Turato (2003): inicialmente houve uma “leitura flutuante” que proporciona o contato com o *corpus*, destacando as primeiras aproximações interpretativas e, em um segundo momento, a interpretação dos primeiros dados foi realizada a partir da análise de conteúdo, que proporciona a elaboração de categorias, baseadas nos princípios de repetição e de relevância.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS PRIMEIROS DADOS



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Por enquanto as tendências nos achados ainda são de caráter preliminar devido ao estágio em que a pesquisa se situa. Entretanto, até onde pôde se observar, a tendência que até o momento mais permeia e de certa forma é naturalizada nas falas dos professores é *a saúde como se fosse um objeto a ser adquirido e/ou moldável*:

Você só vai conseguir isso (saúde), acho que através do exercício (físico), da atividade física. [...] É, “pra” você não ficar toda hora batendo no médico, no hospital, você tem que fazer exercício físico “pra”, como fosse que você tivesse dando uma manutenção “pra” sua saúde. (P5)

Acho que a gente deveria ganhar muito bem, porque a gente tenta manter a saúde das pessoas, não na mesma situação do médico, quando elas vão para o médico é porque elas estão doentes, a gente tenta fazer com que as pessoas não fiquem doentes, eu acho que esse é o meu recado aí, um maior reconhecimento da minha profissão. (P8)

Le Breton (2003) nomeia de corpo *alter ego* (outro eu) quando há um trato do corpo como um objeto dissociado, à parte do sujeito, cujas estruturas podem ser alteradas/manipuladas. O professor de Educação Física ao trabalhar com a prática do corpo estaria tentando proporcionar saúde ao aluno a partir de toda a sua experiência na profissão. Essa antiga visão de enquadrar o corpo em busca eminentemente da saúde, ratifica a concepção dualista (e persistente) da área ao ignorar a globalidade do ser humano (FENSTERSEIFER, 2006).

Detectou-se um entendimento por parte dos professores, de que os alunos necessitariam e alcançariam a saúde por meio do exercício físico, ideia reducionista geralmente associada a uma explicação biomédica do corpo que o “coisifica” para saúde (NOVAES, 2009). O profissional da saúde, reconhecido pela sua capacidade técnico-científica, como o professor de Educação Física, geralmente, se apropria e monopoliza a saúde como um objeto que pode ser oferecido plenamente e de maneira garantida aos sujeitos (CARVALHO, 2006).

Em menor grau, um achado que também até o momento emergiu dos depoimentos dos professores de Educação Física analisados, sobre o que nortearia a prática profissional foi o objetivo de *qualidade de vida* para os alunos:

A minha função é desenvolver as qualidades físicas do ser humano [...] é o que eu acho que deveria ser “pra” eles (alunos), o principal, entendeu? Acho que eles (alunos) deveriam pensar nisso né? E isso “tá” diretamente relacionado com a qualidade de vida, “pra” melhora da qualidade de vida, apesar de que a qualidade de vida “pra” você é uma coisa, “pra” mim é outra, “pra” outra é outra [...] acho que qualidade de vida na realidade é um negócio muito individual de cada um, né? De repente, sei lá, qualidade de vida “pra” você pode ser se drogar, ficar bebendo cerveja, invadir a noite, ir “pra” festas, esbórnias, mulheres, pode ser isso, entendeu? [...] depende, por exemplo, “pra” outro pode ser religião, “pro” outro pode ser política e por aí vai, né? (P5)

Eu tento dar uma qualidade de vida “pra” eles (alunos), “pra” eles poderem usufruir lá fora (da academia), entendeu? “Pra” eles poderem ter um dia bom, um dia de qualidade, isso tudo. (P9)

Qualidade de vida é um constructo dinâmico, relativo e polissêmico que deve ser investigado criticamente (MINAYO *et al.*, 2000). Nesse sentido, ao realizar a análise dos



dados sobre o que constituiria qualidade de vida para os professores pesquisados, percebe-se que até o momento os significados que emergiram foram distintos, discussão essa debatida na literatura.

Alguns dos achados se referem à qualidade de vida a partir do ponto de vista individual e contextual, o sujeito munir-se-ia de critérios avaliativos em relação à sua qualidade de vida de acordo com suas próprias experiências, expectativas, crenças, vivências e trajetórias, que vão se modificando com o passar dos anos. Minayo *et al.* (2000) exemplificam que valores como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade podem constituir o que seria qualidade de vida.

Em contrapartida, o professor de Educação Física, mesmo com anos de carreira, talvez ainda possa desejar na sua prática profissional que os alunos alcancem o que é de concepção individual, oscilante e plural, uma vez que menciona que o exercício físico é capaz de proporcionar qualidade de vida. É difícil avaliar o quanto o professor de Educação Física pode “dar” qualidade de vida para o aluno. Apesar dos anos de profissão, tal questão provavelmente ainda não está tão elucidada por alguns professores.

Muitas vezes não há uma postura ou perspectiva única ao lidar com os alunos, uma vez que o professor de Educação Física se direcionaria (ou se adaptaria ao envelhecer?) para um *atendimento personalizado*:

A forma que eu tento trabalhar é aquela coisa, tudo varia de acordo com a necessidade do aluno, ainda mais *personal (trainer)*, porque a vantagem do *personal (trainer)* é essa, porque cada trabalho é direcionado àquela pessoa que você “tá” trabalhando, então, depende muito da necessidade deles [...] então varia muito com a necessidade do aluno, não tem uma linha certa, eu não traço um plano que eu faça pelos alunos como você faz em uma turma “num” programa, quando você tem uma turma de trinta pessoas, vinte (pessoas) [...] você trata “num” programa que você tem que seguir. *Personal (trainer)* não “dá” pra fazer isso [...] você faz o programa, um programa individual, não generalizado. (P4)

O professor de Educação Física “prestaria o serviço” de acordo com que é pedido (pela clientela?), ou seja, depende dos interesses e necessidades que os alunos julgam importantes. Geralmente esse tipo de discurso estaria vinculado ao trabalho de *personal trainer*, pois, de maneira mais concreta, o lucro financeiro estaria diretamente relacionado às possibilidades de resultados da prática profissional que é proposta especificamente para determinado aluno. Freitas *et al.* (2008) detectaram que alguns professores de Educação Física de academia focam exclusivamente no objetivo do aluno.

Nesse sentido, se a saúde for um dos objetivos do aluno, o professor de Educação Física “mais experiente” atuaria nessa direção com a prática corporal? Questão essa complexa já discutida anteriormente, tornando a saúde como algo a ser conquistado.

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Tendo em vista os primeiros dados, majoritariamente nos discursos dos professores que estão há um tempo na carreira ao comentarem sobre a sua prática profissional, é notória a concepção de *corpo* ainda vista de maneira fragmentada e a *saúde* no sentido eminentemente biológica, que talvez possa ser adquirida apenas pela realização de exercícios físicos. Em menor grau e às vezes associada à saúde, a *qualidade de vida*



também emerge como objetivo central da prática dos professores nas fases de carreira analisadas.

Portanto, ainda urge a necessidade de maior exploração sobre os significados atribuídos ao corpo e à saúde na prática profissional docente ao longo da carreira em Educação Física.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Y. M. Saúde, sociedade e vida: um olhar da Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, maio 2006.

FENSTERSEIFER, P. E. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 93-102, maio 2006.

FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./mar. 2009.

FREITAS, D. C.; SILVA, F. A. G.; LÜDORF, S. M. A. O corpo e a prática dos professores de academias de ginástica de pequeno porte do Rio de Janeiro. *Lecturas en Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, año 13, n. 124, Setiembre, 2008

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2.ed. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003, p. 64-89.

HADDAD, A. E. et. al. (Org.) *A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde: 1991-2004*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.) *Vida de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 31-61.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

NOVAES, C. R. B. Ciência e o conceito de corpo e saúde na Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 383-395, abr./jun. 2009.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Alan Camargo Silva
Av. Marechal Henrique Lott, 70 / apt. 1014 - Barra da Tijuca - CEP: 22631-370
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Email: alan10@zipmail.com.br